

Inclusão do ensino do Criacionismo no ensino público em paralelo com a exposição do Evolucionismo

Karoline Evangelista da Silva Paz¹

Silvio Cesar Chiapina Baroni²

RESUMO

Introdução: O Evolucionismo e o Criacionismo são teorias que fornecem explicações distintas sobre a origem do universo. A premissa pré-científica de que a complexidade da natureza requer uma inteligência subjacente é compartilhada pelos criacionistas, assim como a proposta de que a evolução ocorreu por meio de processos não guiados é uma premissa pré-científica. Embora o Criacionismo seja subestimado no ensino público devido à sua associação com o cristianismo, argumenta-se que os evolucionistas também possuem uma abordagem religiosa em termos de visão de mundo. **Objetivo:** O objetivo geral é propor a exposição do Criacionismo em paralelo ao ensino do Evolucionismo nas escolas públicas. **Metodologia:** O texto segue o método descritivo, com abordagem qualitativa e quantitativa, aplicando-se procedimentos bibliográficos e empíricos no levantamento do conteúdo. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico e foi feita uma pesquisa de campo direcionada a pais, por meio do *Google Forms*, com o intuito de se ter uma amostra da opinião pública sobre a proposta levantada nesse estudo. **Resultados:** A maioria (87,3 %) dos pais cristãos e 75% dos não cristãos concordam em apresentar o Criacionismo em paralelo ao ensino do Evolucionismo. **Conclusão:** Ambas as teorias possuem incógnitas e evidências científicas. Sendo assim, o mais democrático é o ensino das diferentes teorias sobre a origem do universo, a fim de o aluno ter acesso a toda sorte do saber e liberdade de reflexão.

PALAVRAS-CHAVE

Criacionismo; Evolucionismo; Educação; Escola pública; Cosmovisão Cristã.

O Evolucionismo e o Criacionismo são teorias que fornecem explicações distintas sobre a origem do universo, cada uma com bases científicas e questões ainda não provadas. Embora o Criacionismo seja subestimado no ensino público devido à sua associação com o cristianismo, argumenta-se que os evolucionistas também possuem uma abordagem religiosa em termos de visão de mundo (PEARSEY, 2012).

O cristianismo abrange questões relacionadas à origem, destino e propósito humano, assim como a teoria da evolução discute a origem, destino e papel contínuo do ser humano. Em essência, a evolução pode ser considerada uma forma de religião. A premissa pré-científica de que a complexidade da natureza requer uma inteligência subjacente é compartilhada pelos criacionistas, assim como a proposta de que a evolução ocorreu por meio de processos não guiados é uma premissa pré-científica. Os criacionistas não apresentam uma crença subjetiva e particular que seja

¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Congregacional do Nordeste, Pós-Graduada em Teologia Sistemática pelo CPAJ-Mackenzie e Doutoranda em Modelos de Decisão e Saúde (UFPB).

² Bacharelado em Teologia pelo Seminário Teológico Betel Brasileiro EAD e Pós-graduado em Gestão Pública.

imune a questionamentos racionais. Eles fornecem afirmações cognitivas baseadas em conhecimento objetivo, que podem ser defendidas no âmbito público (CAMPOS JR, 2019).

Há um viés que considera as crenças cristãs como parciais e religiosas, enquanto os filósofos naturalistas têm permissão para apresentar suas posições como neutras e racionais. É importante reconhecer que todos têm uma cosmovisão, variando apenas o nível de consciência em relação às suas premissas básicas (PEARSEY, 2012; CAMPOS JR., 2019). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional prevê o ensino plural (SENADO FEDERAL, 2017), no entanto, apenas a teoria da evolução é aceita no ensino público, enquanto o Criacionismo é rejeitado. Portanto, propõe-se a apresentação do Criacionismo de forma paralela ao ensino da evolução, a fim de proporcionar aos alunos a oportunidade de acessar uma ampla gama de conhecimentos.

O objetivo geral dessa pesquisa é propor a exposição do Criacionismo em paralelo ao ensino do Evolucionismo nas escolas públicas. Os objetivos específicos foram: (1) Apresentar os pressupostos básicos do Evolucionismo; (2) Apresentar os pressupostos básicos do Criacionismo; (3) Propor a inserção do Criacionismo em paralelo ao ensino do Evolucionismo nas escolas públicas; e (4) Consultar a opinião de pais quanto ao ensino do Criacionismo nas escolas públicas.

O texto segue o método descritivo, com abordagem qualitativa e quantitativa, aplicando-se procedimentos bibliográficos e empíricos no levantamento do conteúdo. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico e foi feita uma pesquisa de campo direcionada a pais (cristãos e não cristãos), por meio do *Google Forms*, com o intuito de se ter uma amostra da opinião pública sobre a proposta levantada no presente estudo.

Espera-se que este trabalho alcance êxito em mostrar que teorias fundamentadas no naturalismo ou em qualquer outra ideologia não detêm a neutralidade em detrimento de teorias baseadas nas Escrituras Sagradas.

I. Evolucionismo

A teoria evolucionista é resultado de um conjunto de pesquisas em constante desenvolvimento, iniciadas a partir do legado deixado pelo cientista inglês Charles Robert Darwin. No século XIX, Darwin conduziu estudos comparativos entre espécies relacionadas em diferentes regiões, além de observar semelhanças entre animais vivos e extintos. A partir dessas observações, ele concluiu que as características biológicas dos seres vivos passam por um processo dinâmico, no qual fatores naturais são responsáveis por modificar os organismos vivos. Além disso, ele propôs que os organismos vivos estão em constante competição, sendo que apenas os mais adaptados às condições ambientais conseguem sobreviver (DARWIN, 1872).

Com base nessas premissas, Darwin afirmou que tanto o homem quanto o macaco compartilham uma mesma ancestralidade, a partir da qual as duas espécies se desenvolveram. No

entanto, isso não significa que Darwin tenha afirmado que o homem é descendente direto do macaco, mas sim que o homem e o macaco possuem um ancestral em comum devido às suas semelhanças biológicas (MORAES, 2014).

A partir da afirmação de Charles Darwin, diversos membros da comunidade científica se lançaram ao desafio de reconstruir todas as espécies que antecederam o homem moderno. Dentre as diferentes espécies catalogadas, a escala evolutiva do homem começa com os *Hominídeos*, há mais de quatro milhões de anos. O *Homo habilis* (2,4 - 1,5 milhões de anos) e o *Homo erectus* (1,8 - 300 mil anos) compõem a fase intermediária da evolução humana. Por fim, o *Homo sapiens neanderthalensis*, que existiu há cerca de 230 a 30 mil anos, antecede o *Homo sapiens*, surgido aproximadamente há 120 mil anos, correspondendo ao homem com suas características atuais (MORAES, 2014).

É importante ressaltar que a teoria evolucionista não está completamente comprovada. A existência do chamado "elo perdido", capaz de reconstruir completamente a trajetória do homem e seu ancestral primata, ainda é uma incógnita sem resposta definitiva. A evolução ocorre por meio de mudanças nos genes, que são as instruções para a construção dos organismos. Quando um ser vivo se reproduz, pequenas mudanças aleatórias nos genes podem resultar em descendentes diferentes. Em alguns casos, essas mudanças aumentam a probabilidade de sobrevivência do descendente, permitindo a transmissão dos genes responsáveis por essa característica benéfica para a próxima geração. Por outro lado, mudanças que não conferem vantagens reprodutivas aos organismos tendem a se tornar menos comuns ou serem eliminadas da população ao longo do tempo (DARWIN, 1872).

A seleção natural é responsável pelo aumento ou diminuição da abundância relativa de um gene devido à sua aptidão. Esse processo leva à gradual modificação das populações de organismos ao longo do tempo, à medida que se adaptam a mudanças no ambiente. A evolução, por sua vez, consiste na acumulação de mudanças ocorridas em sucessivas gerações de organismos, resultando na emergência de novas espécies. Desde a origem da vida, a evolução tem transformado o ancestral comum de todos os seres vivos em um vasto número de espécies distintas (Moraes, 2014).

A teoria da evolução é a base de grande parte das pesquisas em biologia, bem como em áreas correlatas, como biologia molecular, paleontologia e taxonomia. A biologia evolutiva, campo científico que se dedica ao estudo da evolução, tem proporcionado uma compreensão cada vez mais aprofundada desse processo. A descoberta da estrutura molecular do DNA, combinada com os avanços no campo da genética populacional, tem contribuído para uma melhor compreensão de como novas espécies surgem a partir de formas ancestrais, fenômeno conhecido como especiação (MORAES, 2014). Apesar de amplamente aceita na comunidade científica, a teoria da

evolução ainda suscita debates, especialmente no que diz respeito aos detalhes dos mecanismos de mudança.

O Evolucionismo traz consigo implicações morais e de direitos humanos significativas. Por exemplo, de acordo com a teoria darwinista, o estupro é considerado uma adaptação evolutiva para aumentar o sucesso reprodutivo, sendo um fenômeno natural e biológico. Para o darwinismo, qualquer comportamento que tenha sobrevivido até hoje deve ter tido uma vantagem evolutiva, caso contrário, teria sido eliminado pela seleção natural. Para ser coerente com essa linha, se faz necessário encontrar algum benefício até mesmo no crime de estupro. No entanto, sabe-se que o estupro vítima muitas crianças, idosas e até mesmo pessoas do sexo masculino, o que mina a ideia de que este ato é impulsionado por um imperativo biológico para a reprodução (PEARSEY, 2012).

Existem diferentes vertentes do Evolucionismo, no entanto, todas partem destes mesmos princípios: ancestralidade comum e seleção natural. As diferenças correspondem ao modo como interpretam o relato bíblico da criação. Há evolucionistas que creem em Deus e na sua Palavra (Criacionismo Evolucionário), há aqueles que acreditam em Deus, mas não consideram a Bíblia como Escritura Sagrada (Deísmo Evolucionário) e há evolucionistas ateus. O quadro abaixo apresenta as principais diferenças entre essas três vertentes do Evolucionismo (ANDREASEN, 1981).

Quadro 1: Principais vertentes do Evolucionismo

	Criacionismo Evolucionário	Deísmo Evolucionário	Ateísmo Evolucionário
Teleologia	Sim	Sim	Não
Design Inteligente	Sim	Sim	Não
Idade de Universo (anos)	10-15 bilhões	10-15 bilhões	10-15 bilhões
Transcendência/ Imanência divina	Transcendente e imanente	Apenas transcendente	Deus não existe
Bíblia	Palavra de Deus	Palavra humana acerca de Deus	Superstição humana
Interpretação de Gênesis 1 a 11	Figurada Ciência e poesia do mundo antigo	Mito	Mito
Origem da Humanidade	Evolução humana Imagem de Deus Queda	Evolução humana	Evolução humana
Teologia/Filosofia	Cristianismo conservador Professa a doutrina da Encarnação e Ressurreição	Deísmo Cristianismo liberal	Ateísmo
Ética	Bíblica	Humanista	Humanista
Autores/ Representantes	Francis Collins W. Pannenberg	Charles Darwin Michael Denton Anthony Flew	Richard Dawkins Christopher Hitchens Daniel Dennett

Fonte: Andreasen, 1981.

II. Criacionismo

O Criacionismo é uma teoria que postula que a vida, em todas as suas formas, foi criada por Deus. Assim como no Evolucionismo, existem diferentes linhas dentro do Criacionismo. As diferenças entre elas também dizem respeito ao modo como interpretam o relato bíblico da criação. Há criacionistas que interpretam o relato de Gênesis de modo literal (Criacionismo da Terra jovem) e há aqueles que acreditam que o relato bíblico possui sentido figurado (Criacionismo evolucionista) ou parcialmente figurado (Criacionismo da Terra antiga). O quadro abaixo apresenta as principais diferenças entre essas três vertentes do Criacionismo (ANDREASEN, 1981).

Quadro 2. Principais vertentes do Criacionismo

	Criacionismo da Terra Jovem	Criacionismo da Terra Antiga	Criacionismo Evolucionário
Teleologia	Sim	Sim	Sim
Design Inteligente	Sim	Sim	Sim
Idade de Universo (anos)	6000	10-15 bilhões	10-15 bilhões
Transcendência/ Imanência divina	Transcendente e imanente	Transcendente e imanente	Transcendente e imanente
Bíblia	Palavra de Deus	Palavra de Deus	Palavra de Deus
Interpretação de Gênesis 1 a 11	Literal Criação em 6 dias de 24h Diluvio global	Parcialmente literal Dias da criação = eras geológicas Dilúvio local	Figurada Ciência e poesia do mundo antigo
Origem da Humanidade	Adão e Eva Imagem de Deus Queda	Adão e Eva Imagem de Deus Queda	Evolução humana Imagem de Deus Queda
Teologia/Filosofia	Cristianismo conservador Professa a doutrina da Encarnação e Ressurreição	Cristianismo conservador Professa a doutrina da Encarnação e Ressurreição	Cristianismo conservador Professa a doutrina da Encarnação e Ressurreição
Ética	Bíblica	Bíblica	Bíblica
Autores/ Representantes	Henry Morris & Duane Gish Ken Ham Wayne Grudem	Hugh Ross Philip Johnson Wayne Grudem	Francis Collins W. Pannenberg

Fonte: Andreassen, 1981.

De acordo com a interpretação do Criacionismo da Terra jovem, a narrativa bíblica do livro do Gênesis é interpretada literalmente, levando ao entendimento de que a vida surgiu há não mais do que 6.000 anos. Posto que Adão foi criado cerca de 2 mil anos antes de Abraão, que nasceu aproximadamente 2 mil a.C. Uma vez que Adão foi criado no sexto dia literal da história, calcula-se que a Terra possua pouco mais de 6 mil anos. De acordo com essa visão do Criacionismo, todas as formas de vida foram criadas instantaneamente por Deus, com as mesmas características que possuem atualmente, o que contradiz a teoria da evolução (LAMOUREUX, 2008).

Além disso, o Criacionismo defende que o ser humano é o ápice da criação divina, sendo criado à imagem e semelhança de Deus. Para os criacionistas, Deus se revela como um ser infinito, eterno e autoexistente, uma entidade pessoal que criou Adão e Eva, e é a causa primordial de tudo o que existe. Nesse sentido, Deus sempre existiu, não havendo um momento em que Ele não existisse (GRUDEN, 1999).

Conforme relatam os primeiros capítulos do livro de Gênesis, no início da criação, a Terra estava sem forma, vazia e imersa em trevas. Naquela época, o universo não possuía a ordem e estrutura que tem hoje. O mundo estava desprovido de vida e não apresentava nenhum vestígio mínimo de luz. Posteriormente, Deus criou a luz para dissipar as trevas, deu forma ao universo e preencheu a Terra com seres vivos.

A palavra hebraica traduzida como “terra” no versículo: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1), é “*erets*”. Essa palavra é geralmente entendida como solo, mundo ou algo similar, e seu contexto imediato se encontra no próprio versículo 1, especialmente na expressão “os céus e a terra”. Essa expressão é comumente usada para se referir a tudo, à totalidade do mundo, considerando que os céus e a terra representam os limites extremos de tudo o que existe, ou seja, o universo como um todo. Esse versículo serve como uma introdução geral a todo o relato da Criação. A partir do primeiro ato de Deus, a criação da luz, o céu e a terra são mencionados no relato subsequente. O segundo dia testemunha a formação do céu, enquanto o terceiro dia fala do surgimento da terra, seguidos pela criação de seus respectivos conteúdos (ANDREASEN, 1981).

A criação dos céus e da terra, bem como a preparação da terra para a habitação humana, são descritas nos capítulos 1 e 2.1-25 do primeiro livro bíblico. O primeiro capítulo continua a descrever, em palavras majestosas, o processo criativo ao longo de seis dias. Cada dia começa ao entardecer, quando a obra criativa daquele período é concluída, e termina ao amanhecer, quando a magnificência da criação se torna claramente visível. Ao longo desses dias, surgem a expansão da atmosfera, a terra seca e a vegetação, os luzeiros para separar o dia e a noite, os peixes e as aves, os animais terrestres e, por fim, o homem, que é o auge da criação.

Deus revela sua lei que governa as espécies, estabelecendo uma barreira intransponível que impede a evolução de uma espécie em outra. Ao criar o homem à Sua própria imagem e semelhança, Deus anuncia seu triplo propósito para a humanidade na terra: multiplicar-se justamente, dominar a terra e ter domínio sobre todas as criaturas.

A visão panorâmica da história, de acordo com a Palavra de Deus, é Criação, Queda, Redenção e Restauração. Nós humanos éramos perfeitos porque fomos criados à imagem de Deus. E então houve a Queda. A morte aparece e todo o relato [na Bíblia] se torna deterioração e degeneração. Então, temos Jesus no Novo Testamento, que promete a Redenção. A evolução

inverte isso completamente. Com a evolução, nada começa perfeito, não há um estado do qual cair, pelo contrário. Isso inutiliza todo o plano de salvação, postulado que nunca houve uma queda. O que se tem, então, é uma teoria do progresso, de animais unicelulares a humanos. Posto de maneira simples, o Evolucionismo coloca a morte antes do homem. A Bíblia coloca o homem antes da morte (HAN et AL, 2019).

O Criacionismo da Terra antiga costuma ser rejeitado como não científico por razões filosóficas e religiosas, não por causa de algo verificado nas rochas e fósseis. Observa-se a ausência de evidência de erosão física e química lenta nas fronteiras entre camadas sedimentares (como seria de esperar se passassem milhões de anos entre a deposição de uma camada e a deposição da camada seguinte). A extensão lateral de muitas camadas espessas é continental ou até mesmo intercontinental em escala. Plantas e animais fossilizados (muitos em detalhes requintados e alguns sem partes duras, como vermes ou águas-vivas) devem ter sido enterrados e fossilizados rapidamente (animais mortos ao longo de uma rodovia não se tornam fossilizados porque são comidos por predadores e submetidos a outros processos de decomposição). Isso significa que as camadas de rocha que sepultam esses fósseis tiveram que ser depositadas rapidamente (HAN et AL, 2019).

Em todo o mundo, frequentemente em associação com depósitos de carvão, há árvores fósseis verticais que cortam muitas camadas de rocha mostrando que as camadas foram depositadas rapidamente antes que as árvores pudessem apodrecer. Há também tecidos moles encontrados em fósseis de dinossauros e sangue no abdômen de mosquitos fossilizados. A rocha dura pode ser dobrada sem quebrar sob grande calor e pressão, mas quando isso acontece a rocha sofre metamorfose na dobra. Ao contrário disso, os geólogos da criação observam que os muitos exemplos de camadas de rocha dobradas não mostram evidência de grandes rachaduras ou metamorfismos (HAN et AL, 2019).

Tudo isso e muito mais constitui-se em poderosa evidência geológica e paleontológica da realidade da inundação da época de Noé, descrita em Gênesis 6—8 e afirmada como literalmente verdadeira por Jesus (Mateus 24.37-39) e pelo apóstolo Pedro (1Pedro 3.20, 2Pedro 2.5, 2Pedro 3.3-7). É dito que os métodos de datação radiométrica provaram que as camadas de rochas ígneas e sedimentares (como vemos expostas no Grand Canyon, mas estão em todos os continentes) têm milhões de anos. No entanto, existem muitas boas razões científicas (assim como bíblicas) para não acreditar nessas datas. Elas estão baseadas nas mesmas suposições uniformitaristas naturalistas que controlam o resto da ciência, e há muitos exemplos publicados de rochas de idade conhecida, dando datas de centenas de milhares ou milhões de anos, que testemunhas oculares humanas viram se formar há apenas décadas ou séculos (HAN et AL, 2019).

A evidência científica que confirma a verdade literal de Gênesis 1—11 é esmagadora e cresce com o tempo como resultado da pesquisa tanto dos evolucionistas quanto dos criacionistas. A Bíblia ensina claramente a origem sobrenatural de todos os tipos de plantas e animais junto com o homem, aptos para reproduzir apenas variações dentro de cada tipo, e a criação sobrenatural da Terra e dos corpos celestes. As alegações científicas evolucionistas são interpretações de algumas evidências físicas baseadas em suposições religiosas (ateístas) naturalistas, razão pela qual as “evidências” para a evolução e milhões de anos não resistem ao escrutínio.

As teorias que atribuem a origem da vida ao acaso falham porque a probabilidade de criar um gene ou proteína funcional a partir de substâncias químicas simples e inanimadas é ainda menor do que a probabilidade de formar um novo gene ou proteína a partir de um já existente em um organismo. Por essas razões, pesquisadores agora consideram o "acaso" como uma explicação inadequada para a origem da informação biológica. Não se pode explicar a origem do mecanismo com base apenas no próprio mecanismo (PEARSEY, 2012).

A precisão com que o universo está ajustado sugere um design. A molécula de DNA é composta por quatro bases químicas: adenina (A), timina (T), citosina (C) e guanina (G), que se combinam de várias maneiras para escrever uma mensagem. A descoberta desse código químico significa que podemos aplicar a teoria da informação ao DNA. O acaso e as leis podem explicar muitos eventos cósmicos, mas não explicam a origem da vida. A chave para interpretar o mundo é a informação. A genética nos diz que a vida é uma narrativa contada pela Palavra divina, ou seja, há um Autor para o texto da vida. A descoberta do DNA e das instruções codificadas em cada célula de todos os seres vivos significa que há uma linguagem, uma mensagem, uma informação no cerne da vida. A precisão das forças fundamentais pressupõe uma inteligência que as designou (PEARSEY, 2012).

Além disso, ninguém pode operar no dia a dia sem assumir padrões regulares de causa e efeito. A ciência depende da existência de uma ordem consistente na natureza. Se o universo é produto do acaso, então não há garantia de que as regularidades que observamos hoje se repetirão no futuro. Se o universo evoluiu por meio de forças materiais e irracionais, agindo de maneira aleatória, por que ele se ajustaria tão perfeitamente às fórmulas matemáticas? Não há explicação no materialismo científico. Mas na visão de mundo cristã, há uma explicação perfeitamente racional, de que um Deus racional criou o mundo para operar como uma progressão ordenada de eventos (PEARSEY, 2012).

Ainda sobre as dificuldades de coerência que envolvem a crença evolucionista, para afirmar a realidade de algo, é necessário explicar sua origem. Sem a crença na criação ou no desígnio divino, não temos base para confiar que as ideias em nossa mente têm correlação com o mundo

exterior. Se a mente humana é simplesmente resultado de eventos aleatórios e é preservada apenas pela seleção natural, então não temos uma base sólida para confiar em nossas próprias ideias (PEARSEY, 2012).

III. Criacionismo no ensino público

A teoria sobre o surgimento do mundo mais aceita e ensinada nas escolas públicas brasileiras é a teoria evolucionista. Sendo assim, todos os alunos são submetidos a uma só perspectiva da realidade, sendo-lhes omitida ou subestimada qualquer outra informação que divirja do Evolucionismo. De forma que, até mesmo os alunos criados em famílias cristãs, que lhe ensinaram sobre o Criacionismo, começam a questionar suas convicções e duvidar das autoridades das Escrituras Sagradas, tomando como referência autores não cristãos e até mesmo anticristãos, os quais lhe apresentam suas teorias, que são impossíveis de serem cientificamente comprovadas em sua totalidade, mas por serem expostas como verdade absoluta, ferem a sua liberdade de crença (HAN et AL, 2019).

Ao invés de interpretar as Escrituras de forma contextualizada e de checar a coerência interna das Escrituras, esses jovens podem começar a tomar como referência algo fora das Escrituras, como alguma autoridade humana (por exemplo, a visão da maioria dos cientistas ou dos teólogos, ou a visão do seu líder cristão favorito), e usar os pontos de vista deles para acrescentar ideias às Escrituras. Com o tempo, essas pessoas podem ter a ideia de que a Bíblia não é a Palavra de Deus infalível. Eventualmente, elas podem rejeitar completamente as Escrituras (HAN et AL, 2019).

Em respeito à pluralidade e à liberdade de crença, põe-se que não deveria se privilegiar uma teoria baseada em um tipo de cosmovisão, enquanto se omite outra teoria baseada em um tipo diferente de visão de mundo, no entanto, ambas com icógnitas e evidências na ciência. Pois, segundo as leis de nosso país, especificamente as que regem o sistema de ensino brasileiro, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), o ambiente escolar deve ser plural, isto é, permitir a convivência harmônica entre pessoas portadoras de ideias divergentes (SENADO FEDERA, 2017). Esse é um princípio indispensável em qualquer país democrático. A democracia tem como um dos lemas principais a liberdade de pensamento e expressão.

Um exemplo da forma como o ensino sobre a origem é transmitido, comumente, nas escolas, está claro no texto que prefacia uma tradução do principal livro de Darwin (1872) para o português, em que o professor tradutor expõe a sua cosmovisão com as seguintes palavras:

Apesar de solidamente ancorado em fatos e análises suas e de seus contemporâneos mais ilustres, desde a sua primeira edição esta obra tem sido vítima de desmoralização pública e difamação por parte daqueles que, de tão pequenos e insignificantes, se julgam acima das evidências dos fatos e evidências

do mundo real. Gente cuja mente preguiçosa prefere ancorar-se em crenças vazias e despropositadas a respeito da Natureza, em vez de se dar ao trabalho de por em teste falsas verdades consideradas como intocáveis e definitivas.

O professor não se reconhece como religioso, no entanto, além de demonstrar claro desprezo e intolerância contra aqueles que discordam das ideias de Darwin (1872), ainda atribui ao teórico atributos divinos:

Decorridos quase dois séculos desde a primeira vez que esta obra foi publicada, ela continua sólida e robusta como uma montanha. E é isso que ela é: uma das montanhas mais altas que se ergueram na história da investigação científica do mundo em que vivemos, assim como é o seu próprio autor, o inglês Charles Darwin.

A influência do ensino sobre o educando incide na forma como cada indivíduo atribui significados ao mundo e à sociedade, além da percepção da própria identidade. Por isso, com o objetivo de aprender a diversidade e ser compreendido por ela, respeitando a autonomia e liberdade de cada ser humano, a educação precisa possibilitar o acesso ao conhecimento de modo plural. Não há liberdade sem possibilidade de escolhas. Esse tipo de educação constrói, de forma cooperativa e solidária, uma síntese dos saberes produzidos pela humanidade, ao longo de sua história. Apropriar-se ou não desses conhecimentos pode ser um instrumento da ampliação das liberdades ou mais um fator de exclusão. O currículo que dá conteúdo e sentido à escola precisa levar em conta esses elementos.

A opinião de pais (cristãos e não cristãos) sobre o ensino do Criacionismo no ensino público, paralelamente à teoria da Evolução, mostrou-se favorável na amostra consultada na presente pesquisa. Foram 67 pais participantes, sendo 63 autodenominados cristãos e 4 autodenominados como não cristãos; 87,3% dos pais cristãos e 75% dos pais não cristãos concordam com o ensino do Criacionismo na escola pública. A pesquisa foi realizada por meio do *Google Forms*, entre os dias 21 de setembro e 03 de outubro de 2023.

Tabela 1. Opinião de pais quanto ao ensino do Criacionismo na escola pública

Participantes	Número de participantes	Concordam com o ensino do Criacionismo na escola pública
Pais cristãos	63	55 (87,3%)
Pais não cristãos	4	3 (75%)
TOTAL	67	58 (86,6%)

Fonte: próprio autor, 2023.

Observa-se que mesmo entre os pais não cristãos, há o reconhecimento da importância de incluir no currículo escolar da escola pública o ensino do Criacionismo. A educação escolar, nesse contexto, caberá a formação para o exercício reflexivo, a capacidade de busca de elementos e

subsídios para uma decisão informada. Reconhecemos a limitação do “n” amostral e sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas com não cristãos.

Com relação aos pais cristãos, cabe o questionamento quanto aos 12,7% que não concordam com o ensino do criacionismo na escola pública. Vemos que ainda existe uma dicotomia gnóstica a ser vencida. Todos os cristãos precisam perceber que para resistir ao secularismo, é crucial reconhecer a sua sutileza e a força de sua influência nas diversas esferas sociais; do contrário, aceitarão de forma inconsciente. É comum vermos os cristãos cederem aos ímpios toda autoridade sob à ciência, como se fosse um campo alheio ao senhorio de Deus. Depois, tentam resgatar alguma migalha de cristianismo no que toca aos valores morais. No entanto, a melhor estratégia é deixar claro que as afirmações cristãs sobre a realidade não são mais subjetivas do que as afirmações naturalistas. Se faz necessário estampar a verdade de que não existe neutralidade.

Considerações finais

O Evolucionismo e o Criacionismo são teorias que explicam o surgimento do universo sob cosmovisões diferentes, ambas com incógnitas e evidências científicas. Sendo assim, o mais democrático é o ensino das diferentes teorias sobre a origem do universo, a fim de o aluno ter acesso a toda sorte do saber e liberdade de reflexão.

O artigo foi recebido em: 02/03/2024 e aprovado em: 02/10/2025.

Referências bibliográficas

- ANDREASEN, Niels-Erik. Adam and Adapa: two anthropological characters. Andrews University Seminary Studies, Vol. 19, No. 3, Autumn 1981.
- CAMPOS JR., Heber. Amando a Deus no mundo: por uma cosmovisão reformada. São José dos Campos: Fiel, 2019.
- DARWIN, Charles. A Origem das Espécies, no meio da seleção natural ou a luta pela existência na natureza, 1 vol., 1872, tradução Mesquita Paul (2003).
- GRUDEM, Wayne. A. Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HAM, Kem. HOSS, Hugh. HAARSMA, Deborah B. MEYER, Stephen. " A origem: quatro visões cristãs sobre criação, evolução e design inteligente" – Thomas Nelson Brasil - Vida Melhor Editora S.A – Rio de Janeiro – BR – 2019.
- MORAES, João Quartim de (org.). Materialismo e Evolucionismo III. Coleção CLE, 2014.
- PEARCEY, Nancy. Verdade absoluta: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- SENADO FEDERAL. Lei de diretrizes e bases da educação federal. 2017. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 22 de agosto de 2023.